

Exílios profundos: Clarice Lispector e Franz Kafka

Regina Céli Alves da Silva

RESUMO:

Os exílios profundos, vivenciados pelas personagens, Macabéa e Gregor Samsa, de **A hora da estrela**, de Clarice Lispector, e **A Metamorfose**, de Franz kafka, respectivamente, estão em análise nesta leitura, que parte da compreensão do mito originário do paraíso perdido, relacionando-o com o texto de Hannah Arendt, **A condição humana**, bem como com uma reflexão acerca da voz narrativa e da linguagem.

Palavras-chave: Literatura comparada, Exílio, Condição humana.

Introdução

Clarice Lispector nasceu, em 1920, na Ucrânia, numa aldeia (Chechelnyk). Seus pais imigraram para o Brasil, chegando a Maceió em 1922. Aqui, a família mudou seus nomes e Haia passou a ser chamada de Clarice. Faleceu em 1977. Judeu, Franz Kafka nasceu em Praga, em 1883. Austro-Húngaro, recebeu influência das culturas judaica, checa e alemã. Faleceu em 1924.

Os dois autores viveram em épocas e lugares diferentes, no entanto, suas obras expressam uma constante reflexão acerca da experiência existencial humana em sua profundidade. **A hora da estrela**, de Lispector, e **A metamorfose**, de Kafka, são, embora breves, textos nos quais tal reflexão se faz presente. É para eles que se volta esta leitura, partindo-se do mito da perda do paraíso. Nessa narrativa originária da cultura judaico-cristã, encontra-se a marca do exílio primevo, que acompanha o homem em sua trajetória.

Independente de suas várias acepções através dos tempos, a perda do paraíso está, de forma geral, relacionada com a errância, o trabalho árduo, a dor, a morte (FRANCO JR., 1992). Essas quatro experiências estão inscritas nos textos dos dois autores. Na verdade, como o título do trabalho sugere, os exílios que se configuram nas narrativas de Clarice e Kafka têm mais a ver com uma vacância introspectiva, do que com a expulsão da terra, do solo em que se vive, como é comum pensar quando se fala em exílio.

Para percorrer os exílios profundos em que são lançadas as personagens principais desses textos, optou-se por fazê-lo segundo as orientações da narrativa mítica e aquelas encontradas em um texto, bastante oportuno, de Hannah Arendt, **A condição humana**.

1. A metamorfose e A hora da estrela

Gregor Samsa acorda, certa manhã, transformado em “monstruoso inseto” (KAFKA, 1996, p.19). Porém, não se dá conta de que a transformação ocorrera. Entende-a apenas como um mal-estar passageiro. Tenta, por isso, dormir novamente, esperando que, ao acordar, tudo esteja como antes. Não consegue e sente uma dor “leve e pungente ao mesmo tempo, uma dor jamais sentida até aquele momento[...].” (KAFKA, 1996, p.24).

A partir de então, põe-se a pensar, primeiramente na profissão, caixeiro-viajante, que o fazia viajar o tempo todo, comer mal e irregularmente, não ter relações duradouras. E resistia nessa vida porque necessitava quitar as dívidas do pai contraídas há algum tempo. Aos poucos toma consciência de que algo estava diferente: a transformação do corpo, que ele só conhecia parcialmente, pois só avistava as patas/pernas e a barriga; a dificuldade para se movimentar; o nojo dos outros ao vê-lo. Essas mudanças levam-no ao encerramento dentro do quarto, à percepção do afastamento dos membros da família – pai, mãe e irmã –, à solidão total e, por fim, à morte.

Considerando-se a metamorfose de Gregor Samsa como metáfora, ou como o delírio de um enfermo, ou como um surto de loucura, ou sonho, ou mesmo classificando-a no âmbito do insólito, do fantástico, da bizarrice etc., a leitura da narrativa não poderá deixar de anotar o processo de conscientização por que passa o protagonista, levando-o ao confinamento dentro de seu quarto e dele mesmo, retirado até do convívio familiar.

A consciência crítica expulsa-o de onde, de certa forma, já estava expulso: da convivência social, afinal para nada tinha tempo, tão árdua e duradoura era sua jornada de trabalho; da convivência familiar, pois pouco convivia em família, também por falta de tempo; das próprias vontades e necessidades; do círculo de amizades; dos afetos; dos lazeres. Passa, então, a transitar apenas em torno de uma incomensurável solidão e de uma abissal percepção de sua condição de exilado.

Se a metamorfose em inseto, ainda que insólita, for considerada verdadeira, como se, de fato, tivesse ocorrido, compreende-se o nojo e o afastamento dos familiares, afinal Samsa deixa de ser o provedor, aquele que trabalha e se sacrifica em prol da família, para ser um estorvo, algo que incomoda, atrapalha, fazendo com que o pai, já aposentado, saia de sua rotina dentro de casa, da leitura dos jornais, enfim, da existência amena, para trabalhar num banco; bem como a irmã, que passa a servir atrás de um balcão de bar e a mãe, que começa a costurar roupas para estranhos.

Deixa, portanto, de ser um indivíduo produtivo, tornando-se um peso para os familiares, invertendo a situação anterior. Os pais, “no transcurso dos anos tinham chegado a alimentar a ilusão de que Gregor só deixaria de trabalhar naquela casa com o termo de sua vida” (KAFKA, 1996, p. 45).

A preocupação dos pais com a situação financeira esboça-se logo nas primeiras horas após a transformação e Gregor ressentido-se por não poder mais atendê-los em suas necessidades. A irmã, que durante algum tempo procura amenizar a condição dele, fazendo-a menos dolorosa para todos, com o tempo também se distancia, dando-lhe a perceber que não aguenta vê-lo. Assim, pouco a pouco, perde o contato com a família e tudo se transforma num imenso deserto, fora e dentro do quarto, fora e dentro dele. Os móveis que restam no cômodo são retirados, permanecendo apenas o sofá para onde corre a esconder-se quando alguém lá entra. As poucas referências que sobram de sua condição humana vão desaparecendo.

A família também sofre mudança, pois já não pode contar com os proventos de Gregor e, obrigada a trabalhar, inicia-se num percurso produtivo, e trava novo relacionamento com o mundo a sua volta, afastando-se cada vez mais daquele que a sustentava, único laço que, de fato, ainda os unia.

Macabéa é a personagem em destaque de **A hora da estrela**. Mulher jovem, dezenove anos, nordestina, nascida em Alagoas, órfã, vem para a cidade do Rio de Janeiro, onde passa a viver quase totalmente desvinculada da realidade que a cerca nessa cidade que, segundo o narrador, é “toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1984, p.21). Dorme, acorda, respira, trabalha e come mal. Uma vida seca como o sertão de sua terra natal. Sem amigos ou parentes, vive só, num quartinho alugado onde residem outras quatro moças, que não mantêm qualquer laço de amizade ou companherismo com ela. Trabalha como datilógrafa, mas não é capaz de executar o serviço com eficiência, mal dedilha as teclas e mal sabe escrever. Isso nos conta um narrador em terceira pessoa.

Não sabe nada sobre a vida, não tem conhecimento do mundo. Sente uma contínua e insistente dor de dente. O namorado que arruma, Olímpio, nordestino como ela, embora sem grande instrução, não consegue entabular um diálogo com a moça, pois os dois, mas principalmente Macabéa, não são capazes de conversar sobre qualquer assunto, a ponto de ela, por saber que ele trabalha em obra, sugerir que falem a respeito de parafusos. Ele, um operário como outros tantos milhares que vão para as grandes cidades servir de mão-de-obra, cheios de sonhos e vontade de vencer; ela, alguém que mal sabe apertar as teclas de uma máquina, cujos sonhos, desejos, vontades parecem inexistentes.

O único momento da narrativa em que Macabéa esboça alguma vontade própria, demonstrando certo conhecimento de sua condição miserável, é aquele imediatamente posterior à sua saída da casa da cartomante que fora visitar por insistência de Glória, sua colega de trabalho. Ali, ela sonha com o futuro, quer melhorar de vida, casar-se, ser rica.

Hannah Arendt publica, em 1958, o livro **A condição humana** (ARENDDT, 1983). Trata-se de obra na qual a autora analisa, a partir de um prisma político, tal condição, observando-a sob três aspectos: o labor, o trabalho e a ação. Passando pelos gregos antigos e chegando até o homem moderno, investiga essa tríade. Dividida em seis capítulos, três deles dedicados a cada um dos aspectos, interessam, especialmente, neste trabalho, o primeiro e o último: “A condição humana” e “A *vita activa* e a era moderna”, respectivamente.

No capítulo um, primeira seção – A *vita activa* e a condição humana –, Hannah explica que, com a expressão *vita activa*, pretende designar três atividades humanas: labor, trabalho e ação. Sobre o primeiro, comenta: “O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, [...]. A condição humana do labor é a própria vida” (ARENDDT,1983, p.15). Em relação ao segundo, diz: “O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, [...]. A condição humana do trabalho é a mundanidade” (ARENDDT,1983, p. 15). Quanto à terceira, fala:

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade,[...] pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja igual a qualquer pessoa[...]. (ARENDDT,1983, p. 15).

Ela observa ainda, quanto à condição humana em si:

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. [...]; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não-mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.” A condição humana do trabalho é a mundanidade”(ARENDDT,1983, p. 17).

No segundo capítulo – As esferas pública e privada –, Arendt enfatiza o aspecto político da vida humana. Posteriormente, nos capítulos III, IV e V, aborda cada uma das atividades citadas, o labor, o trabalho e a ação, e, por último, no VI, fala sobre “A *vita activa* e a era moderna”. Ela situa a era moderna no período que abarca o séculoXVII até o limiar do século XX, distinguindo-a do mundo moderno, aquele que surge a partir das primeiras explosões atômicas. Na última seção do capítulo VI – A vitória do *animal laborans* –, a autora, logo no início, explica:

A vitória do *animal laborans* jamais teria sido completa se o processo de secularização, a moderna perda da fé como decorrência inevitável da dúvida cartesiana, não houvesse despojado a vida individual de sua imortalidade, ou pelo menos da certeza da imortalidade. A vida individual voltou a ser mortal, tão mortal quanto o fora na antiguidade, e o mundo passou a ser menos estável, menos permanente e, portanto, menos confiável do que o fora na era cristã. Ao perder a certeza de um mundo futuro, o homem moderno foi arremessado para dentro de si mesmo, e não de encontro ao mundo que o rodeava; longe de crer que este mundo fosse potencialmente imortal, ele não estava sequer seguro de que fosse real. (ARENDRT,1983, p. 333-4.)

Não é à toa que, ao longo do livro, ao expor seu ponto de vista, Hannah tenha citado, entre outros, escritores, tais como Kafka e Milton. Deste, como não poderia deixar de ser, ela aduz ao **Paraíso perdido**. Volta-se, portanto, a essa perda e aos escritos de Arendt para a conclusão da análise dos textos literários em questão.

Em **A metamorfose**, publicado em 1915, embora o autor não enfatize o contexto no qual a trama se desenrola, cita alguns dados capazes de fornecer uma pista, como, por exemplo, o trem, meio de transporte privilegiado, do qual Gregor faz uso em suas idas e vindas como caixeiro-viajante; o trabalho do pai em um banco, etc. Esses itens são suficientes para que se possa reconhecer o intervalo de tempo marcado por transformações operadas pela revolução industrial.

Por isso mesmo, a vitória do *animal laborans*, da qual Arendt fala, alcança, no que se refere à obra de Kafka, ampla pertinência. Afinal, não é Samsa o indivíduo que – devido ao trabalho árduo, às dívidas contraídas pelo pai, à aposentadoria deste, isto é, sua retirada do sistema produtivo, à vida amena e pacata da mãe e da irmã dentro de casa –, se vê obrigado a assumir a responsabilidade financeira, a se alienar no mundo do trabalho, da produção, para prover as necessidades familiares? Não poderia, por isso também, a metamorfose de Gregor ser considerada como uma perda da “certeza de um mundo futuro” (ARENDRT,1983, p. 333-4.), da certeza do mundo, sendo, portanto, atirado para dentro dele mesmo, ficando “sequer seguro de que [o mundo] fosse real” (ARENDRT,1983, p. 333-4.) ?

É necessário lembrar que Samsa, em momento algum da narrativa, nem pela voz do narrador em terceira pessoa nem quando este lhe concede a voz, surgindo, então, a primeira pessoa, demonstra ter plena noção do que lhe sucede. Vê as pernas diferentes, sente o corpo estranho, mas não tem total consciência da transformação. Para ele, portanto, o que lhe sucede é algo estranho, que o impossibilita de continuar normalmente em sua rotina, obrigando-o a permanecer trancado no quarto, voltado apenas para dentro de si. A metamorfose do *animal laborans* significa a perda da condição humana, sua própria morte, então fisicamente consumada.

Macabéa alcança o mesmo destino. A ida à casa da cartomante faz com que, por um minuto em sua vida, tenha consciência de sua situação existencial. Pela primeira vez, torna-se capaz de perceber o vazio que, até então, havia marcado sua trajetória. Essa conscientização está inscrita na sua vontade, agora, de ter uma vida melhor, cheia de sonhos para o futuro.

Em **A hora da estrela**, são muitos os aspectos que identificam o período de tempo em que as ações da trama se desenrolam. Trata-se, obviamente, da segunda metade do século XX. Por isso mesmo, nenhum estranhamento causa ao leitor, por exemplo, o fato de Macabéa compartilhar um quarto de pensão com outras moças, estas, também, as operárias, vivendo sozinhas na cidade grande.

A terceira fase, como costuma ser identificada, da revolução industrial já se impusera. A sociedade de massa está consolidada. Os tempos modernos fariam de nós, no dizer de Hannah Arendt, no Prólogo de *A condição humana*, “escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas quanto de nosso *know-how*, criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja” (ARENDR, 1983. p.11). As previsões de Hannah vão ecoar, por exemplo, nas reflexões de outro pensador, Paul Virilio, em **A máquina de visão** (VIRILIO, 1994). Ou seja: os operários não vão ao paraíso.

2. Voz narrativa e linguagem

Um narrador em terceira pessoa enuncia a história de Gregor Samsa, transmitindo os acontecimentos, pensamentos e sentimentos da personagem. Em alguns trechos da narrativa, cede a voz ao próprio Gregor que, em primeira pessoa, assume a narração. Não há, portanto, no texto de Kafka, qualquer estranhamento com relação à instância que narra. O único fato incomum é a transformação em inseto.

Em **A hora da estrela**, no entanto, a história de Macabéa é narrada por um narrador, Rodrigo S. M., em terceira pessoa que, ao longo do texto, assume a primeira, mas não para dar voz à protagonista, mas para dar voz a ele mesmo. E se no texto de Kafka o insólito se expressa na metamorfose de Gregor, no de Clarice, de certa forma, também está presente nas indagações da instância narrativa, que se mostra sempre em dúvida a respeito dos acontecimentos, dele mesmo e do próprio ato de escrever.

A linguagem torna-se questão fundamental nos dois textos tanto em relação aos protagonistas, Gregor e Macabéa, quanto no que tange ao narrador de **A hora da estrela**. Samsa, ao se transformar em inseto, perde a propriedade da fala, não imediatamente, mas aos poucos, passando por um estágio de “voz animal” até não mais poder se comunicar. Fica destituído por completo de sua possibilidade de trânsito entre os humanos, pela forma do

corpo e pela perda da propriedade de fala, restando-lhe apenas um transitar pelos próprios pensamentos, e, portanto, definitivamente impedido de continuar vivenciando sua condição humana.

Já Macabéa, ainda que não tenha perdido a propriedade da fala, não mantém (nem nunca manteve), segundo afirma o narrador, qualquer profundidade linguística, isto é, ela é desprovida quase totalmente da linguagem, possuindo um vocabulário paupérrimo que lhe permite apenas parca comunicação, sem reflexão mais profunda. Daí ser tão destituída de tudo, vivendo apenas porque come, dorme e respira... mal.

A falta de consciência crítica em relação ao mundo e à sua própria existência se dá, então, devido à impossibilidade linguística, impedindo-a, mesmo que de forma confusa ou cheia de dúvidas, de vislumbrar, de tocar e até de construir uma personalidade, um eu com alguma profundidade. É um ser de superfície, vivendo em tela plana, sem alegria, sem tristeza, um bicho deposto de sua condição humana.

Por sua vez, o narrador de **A hora da estrela** tem o domínio da linguagem, falada e escrita, transita pela complexidade dos códigos linguísticos, sendo capaz de transpor para o papel suas dúvidas, suas agonias, suas dores e temores, destacando a linguagem (característica comum às narrativas modernas) como referência essencial do ato de escrever.

A complexidade do ser é expressa e construída pela capacidade linguística de o indivíduo desenvolver uma troca simbólica que produz elos significativos, contruindo, assim, uma realidade interna e uma realidade externa, que se desenrola como dinâmica social.

Os exílios profundos de que trata esta leitura são expostos nas obras em questão por três instâncias: os protagonistas, Samsa e Macabéa, e o narrador de **A hora da estrela**. Cada um deles, a sua maneira, experimenta o exílio, mas não aquele comumente conhecido, o dos desterrados, os expulsos da terra primeva, do paraíso, mas o experienciado dentro deles mesmos, daí o adjetivo profundos.

As marcas fundamentais da perda do paraíso – a errância, o trabalho árduo, a dor e a morte – apresentam-se em relação aos dois personagens e, com exceção de morte, também em relação ao narrador de **A hora da estrela**.

Em **A metamorfose**, Gregor vivencia o exílio devido à transformação em inseto e à tomada de consciência, o conhecimento que adquire e que o faz ver com mais clareza a situação em que vive (e vivia). Percebe, com isso, que já vivia fora do paraíso, pois sua vida era apenas um itinerário de errâncias, marcado pela profissão de caixeiro-viajante, que o impedia de manter vínculos sociais mais duradouros, até mesmo com seus familiares. O

trabalho árduo também está caracterizado pela profissão e é mantido devido à responsabilidade que assume diante da família, sendo seu único provedor. A dor surge, como uma constante, pela dificuldade que tem de se locomover, pois o cérebro não registra a possibilidade de movimentos do inseto, o que o faz tentar equilibrar-se como homem sobre aquele monte de patas.

Finalmente, a morte acontece em consequência da dor e do ferimento provocados pela maçã que, atirada pelo pai, fica encravada em seu corpo, abrindo-lhe uma ferida física e outra moral. Além disso, a enorme solidão em que se encontra, principalmente depois que percebe que a única pessoa, a irmã, que ainda parecia se importar com ele, vira-lhe as costas definitivamente, exibindo mesmo uma vontade de se livrar daquela criatura monstruosa.

Macabéa, por seu turno, confere a errância, pois, embora viva em seu país, sai da terra onde nascera, indo pra outra cidade, Rio de Janeiro, que se lhe mostra mais adversa ainda do que o solo natal. Sua existência se caracteriza como errática pela falta de vínculo com tudo, especialmente com a linguagem.

O trabalho árduo e a dor são provações por que passa como datilógrafa, pois não consegue cumprir as tarefas, já que mal sabe escrever e dedilha, na máquina, letra por letra, vagarosamente, levando o chefe a demiti-la. A dor contínua no dente atormenta-a, evidenciando a pobreza em que se encontra. A falta de cuidado com os dentes é característica da miséria. A morte é estágio certo para a personagem, único momento, os poucos minutos que a antecedem, como anuncia o narrador, em que tem, na vida, sua hora de estrela.

O narrador de **A hora da estrela**, Rodrigo S. M., experimenta sua perda do paraíso, pela consciência demonstrada, desde o início da narrativa, acerca da existência. E essa consciência o atormenta, lançando-o em dúvidas e questionamentos. Sua dor é profunda, seu trabalho de escritor é árduo, sua errância vem inscrita em suas reflexões, na busca que faz pelo(s) sentido(s) de tudo o que o cerca. Quanto à morte, esta é uma sombra a acompanhá-lo em cada momento, levando-o a dizer, logo após o anúncio da morte de Macabéa: “Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça”. (LISPECTOR, 1984, p.97).

Conclusão

Evidenciadas estão, nas obras de Kafka e Clarice, as ocorrências que se dão pela perda do paraíso, como enunciado no mito: a errância, o trabalho árduo, a dor e a morte. Mas tal perda está inscrita naqueles traços anotados por Hannah Arendt em **A condição humana**. Os

homens condicionados não resistem aos próprios condicionamentos que criam. *A vita activa* produz atividades que acabam fazendo com que percam o vínculo com sua condição.

Essa compreensão pode ser constatada em Gregor, que se transforma em inseto; ou em Macabéa, cujo mínimo contato com a linguagem a destitui de tudo, lançando-a em miséria profunda; ou no narrador de **A hora da estrela**, cujas dúvidas infinitas o empurram para um mergulho abissal dentro de si.

Os exílios profundos ficam, assim, expressos, em **A hora da estrela** e **A metamorfose**, como uma condenação dos homens por eles mesmos. Suas atividades, cada vez mais, confirmam os temores de Hannah. A era da técnica – das máquinas projetadas, a princípio, com o objetivo de proporcionarem bem-estar e felicidade – acaba trazendo uma profunda solidão, um trancafiamento dos homens dentro deles mesmos e, além disso, a exclusão do mundo por eles criado.

ABSTRACT:

This paper studies the novels **A hora da estrela**, by Clarice Lispector and **The metamorphosis**, by Kafka, focusing on the profound exiles lived by the characters, Macabéa and Gregor Samsa, respectively. The study starts from the comprehension of the originary myth of the lost paradise, relating it to Hannah Arendt's text, **The human condition**, as well as a reflexion about the narrative voice and the language.

Keywords: Comparative literature, Exile, Human condition

Referências bibliográficas:

ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

DELUMEAU, J. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FRANCO JR., H. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

VIRILIO, P. **A máquina de visão**. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.